

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
DOSSIÊ	
Os desafios educacionais do Brasil Profundo: saberes localizados e epistemologia subalterna	
Crianças e infância: desde o cotidiano a educação infantil do campo no território transxingu	8
Decolonialidade e educação do campo: diálogos em construção	28
Máscaras e identidade em perspectiva pedagógica descolonial	42
Sociologia das ausências e das emergências: um estudo numa instituição de ensino superior do oeste da Bahia	56
No chão da escola: dificuldades e avanços dos professores indígenas no processo educativo	72
Mal-estar docente e educação em tempo integral: cenários de um Brasil profundo ...	87
E não sou eu uma criança?: Trabalho infantil, história e Brasil profundo	107
FLUXO CONTÍNUO	
Se não se sabe como alguém vai aprender, como avaliar na educação infantil?	124
Educação infantil, governmentação da infância e produção de capital humano	142
A residência pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências	160
Eu sou agitado/a: a medicalização na educação	179
Cuidado de si em sites de redes sociais: apontamentos sobre uma estética da existência no Twitter	198
“Práticas inovadoras” no campo acadêmico da teologia: transformação de estruturas ou estratégias para o <i>devir</i> sujeito feminino de saber?	213
Aprendizagem/desaprendizagem de gênero das crianças da educação infantil	233
ENTREVISTA	
Peter Roberts e Paulo Freire: “companheiros de viagens”	247
RESENHA	
Conversas complicadas com os currículos e os cantos dos Estados-Nação	269

APRESENTAÇÃO

Terezinha Oliveira Santos (UFOB/PPGCHS)
Carlos Henrique de Lucas (UFOB/PPGCHS)

Epistemicídio, conceito já bastante conhecido por todas e todos nós, constitui-se na supressão dos conhecimentos locais levada a cabo por um conhecimento forasteiro (SOUSA SANTOS & MENESES, 2009). Se quiséssemos descambar para o literário, diríamos que o epistemicídio é a morte violenta do saber. E, por óbvio, não de qualquer saber, não de qualquer conhecimento: mas daqueles que trazem consigo o incômodo, a coceira, a recusa ao poder e à sua intrínseca força destrutiva. O epistemicídio, em suma, é o complemento do um outro assassinio: o do corpo indócil.

É importante dizer que o Dossiê que aqui apresentamos nos parece uma estocada na carne do epistemicídio. Se os corpos mortos pelo epistemicídio possuem materialidade, possuem sangue, o epistemicídio, ele mesmo, também se apresenta enquanto coisa viva: é menos ele estratégia do poder e mais o próprio poder feito morte. Dizer isso não significa ignorar as desiguais relações de poder no mundo hoje. Significa, ao contrário, pensar o poder feito morte como colonialidade: vigente e atuante.

Dizemos de outra maneira: o epistemicídio é a face com a qual aparece o poder destrutivo da colonialidade nos dias atuais. Não a única, mas nos parece que fazer morrer os conhecimentos é o mister maior da colonialidade que não se esgota com o grito do ipiranga, que aqui vai em minúsculas... A colonialidade, como afirmamos em outro momento (LUCAS LIMA, 2017), na esteira de Enrique Dussel (2005), escarnece de declarações, tratados e acordos. Sua força se estende para além do texto duro da lei. Sua força é, mais do que tudo, cultural e, como estamos afirmando, epistêmica.

Dizíamos, então, que este Dossiê representa, em nossa opinião, um ataque. A escrita, o pensar para além, o deslocamento do estabelecido, assim defendemos, pode se configurar como campo de batalha da mais alta relevância. E nos perdoem se estamos abusando das metáforas bélicas. Mas vivemos em tempos de guerra. A e o leitor/a entende perfeitamente bem. Disso temos certeza. São tempos de ataque àquilo

que muitas e muitos de nós entendíamos assentado. “Conquista”, por muitos anos, foi a palavra a acalantar discursos de intelectuais pelo Brasil afora. Agora, nesses tempos estranhos em que vivemos, descobrimos que o que criamos “conquistado” precisa de uma reconquista...

Este Dossiê, então, se insere, isso propomos, nessa reconquista. Nessa retomada da palavra. Na mão que se levanta e força para trás o braço insensível do poder. A pretensão que temos é fornecer uma clareira. Pensamento que nasce no asfalto da mídia cotidiana. Os textos aqui reunidos apostam em um repertório crítico de(s)colonial: no ensino da Teologia em perspectiva de gênero, na Educação no/do Campo, na (des)aprendizagem de gênero na Educação Infantil, no que ensina o Brasil Profundo desde um ponto de vista das sociologias das ausências e emergências e do trabalho docente, na educação escolar indígena.

O corpo indocilizado. O corpo da pessoa negra. O corpo da criança inquieta no assento escolar. A mulher que não se assujeita. O guei afeminado que reinventa seu gênero. A pessoa indígena que tutela a si mesma. Corpos indóceis. Vidas que bailam diante do poder, dos poderes que nos querem aprisionar... Todos os textos que aqui reunimos são ousados. Bem articulados. Força que brota no deserto. Rebelião que se avizinha.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005, pp. 24-32.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens pajubeyras:** re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Devires, 2017.

SOUSA SANTOS, Boaventura, MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul.**Coimbra: CES, 2009.